

A CONSCIENCIA DE SI EM MEIO A NECESSIDADE SUSTENTAVEL DE VIVER: educação e responsabilidade com o outro.

José Anderson de Oliveira Lima
(PPGE-UFAL/SEDUC-AL)
(jose.anderson@professor.educ.al.gov.br)

José Airtton Albuquerque Torres
(PPGE-UFAL/SEDUC-AL)
(j.airtontorres@gmail.com)

João Paulo Carvalho de Moura
(SEDUC-AL)
(joao.moura@professor.educ.al.gov.br)

1. INTRODUÇÃO

A vida diante de um enredo que assusta. O universo está em extinção. O cuidado e a responsabilidade são palavras que apenas ecoam como voz, porém suas ações práticas têm sido sufocadas pela ganância humana. É importante destacar a realidade de exploração e destruição que se sustentam pelo projeto da modernidade ao longo dos últimos séculos. Estamos constantemente lidando com preocupações de ordem econômica, enquanto na verdade, a vida e os recursos naturais vão se esvaindo. Edgar Morin, filósofo e sociólogo francês, sinaliza a capacidade de auto-organização do ser humano semelhante à eco-organização da natureza, que compreende sua necessidade de regenerar-se, renovar-se e reorganizar-se. No entanto, o ser humano com seu desejo exacerbado pelo domínio, desconsidera essas necessidades e provoca para si e para natureza sérios problemas. Neste cenário, a educação torna-se um caminho importante e efetivo para uma formação humana atenta a sustentabilidade, que se deve edificar a partir de uma consciência de si para o outro. O filósofo alemão Jürgen Habermas provoca-nos acerca dos resquícios da modernidade que são contrários à vida. Sendo assim, a razão estratégica instrumental desse projeto moderno carrega consigo finalidades que contribuem para a desumanização. Em consequência, é preciso fortalecer as estruturas do mundo da vida, como também promover o entender-se com o outro sobre a realidade e a vida.

2. OBJETIVOS

Diante da razão fria e apática da modernidade, a intenção deste trabalho é provocar a reflexão de profissionais de educação sobre a responsabilidade educacional com a vida, assim como compreender a necessidade pedagógica para a construção de uma consciência sustentável individual que segue o processo de si para o outro.

3. METODOLOGIA

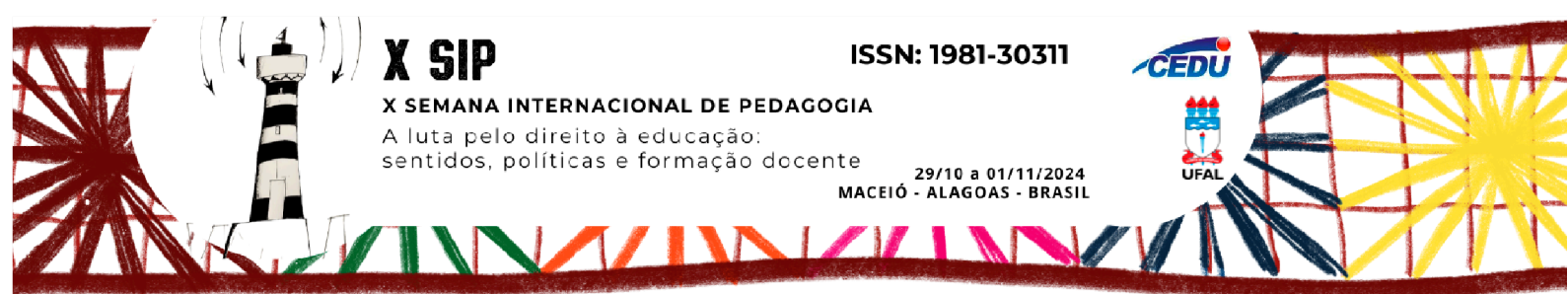
A metodologia desenvolvida em nossa pesquisa é voltada para a historiografia das obras de Edgar Morin, principalmente “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, “Terra-Pátria” e “Método II: a vida da vida”. Além deste, utilizaremos o filósofo Jürgen Habermas para pensar a desumanização da vida a partir da sua crítica a razão estratégica, como também outros estudiosos que alertam para o grave problema climático que vive o planeta Terra.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cenário devastador tem na ganância do ser humano ações degradantes para a vida. Extrair sem preservar, consumir sem produzir, poluir sem regenerar. Para o filósofo e sociólogo francês Edgar Morin (2003), “o mercado mundial pode ser considerado como um sistema auto-organizador que produz por si mesmo suas próprias regulações, a despeito e através de evidentes e inevitáveis desordens” (MORIN, 2003. p.65).

Segundo Morin (2011, p. 265), as sociedades não se sobrepõem às interações entre indivíduos-sujeitos, pois são estas interações que constituem a sociedade. Quando Morin estabelece um parecer para esse ordenamento das sociedades, não especificamente a dos seres humanos, e sim, toda aquela dotada de indivíduos vivos, ele o quer sinalizar que “o sistema social não é apenas um sistema: é uma organização que organiza retroativamente a produção e a reprodução das interações que a produzem, assegura a sua homeostasia...” (Morin, 2011, p. 265).

Neste caso, a homeostasia é equilíbrio, e isso é exatamente o que falta a nossa sociedade, que traz como marca maior a desigualdade entre os seres, e mais



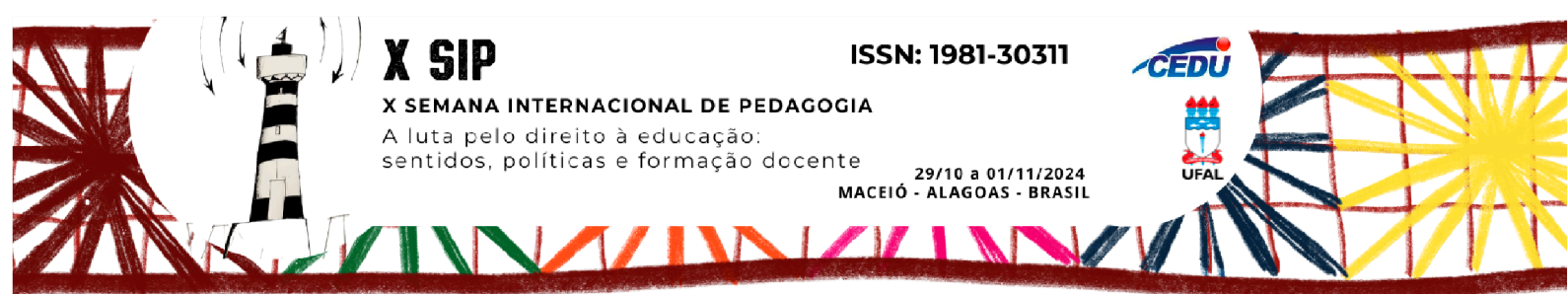
ainda grave, o desequilíbrio entre o que se retira o que se deve devolver à natureza. Salientamos que Morin (2011) faz menção ao indivíduo social que tem como princípio “ser-máquina” no sentido dele se “auto-organizar”, assim como a natureza na sua eco-organização, mesmo quando afetada pelos conflitos, rivalidades e lutas

Porém, mesmo existindo esse ciclo de reorganização das sociedades ao longo do tempo e da história, já deveríamos ter compreendido que o processo de regeneração é mais penoso do que o da auto-eco-organização, e que se estabelecêssemos uma relação de conscientização ecológica nas nossas ações de convívio social, ações que possibilitassem o equilíbrio (homeostasia) necessário para que autos e eco coexistam, o crescimento sustentável se daria muito mais eficaz em suas existências.

Na obra Terra Pátria, Edgar Morin alerta que “a economia, a demografia, o desenvolvimento e a ecologia se tornaram problemas que doravante dizem respeito a todas as nações e civilizações, ou seja, ao planeta como um todo” (MORIN, 2003, p. 65), no entanto, a conscientização do grau de responsabilidade de cada uma dessas nações recaem sobre cada um dos indivíduos que coexistem no planeta, independente de pertencer a nação A, B, C, ou qualquer uma outra existente, o que nos leva a pensar não apenas num nível de consciência coletiva, mas sim, numa conscientização individual, num processo de consciência de si para o outro, numa espiral crescente que se desenvolva para além dos limites das sociedades e nações, e que atinja o esplendor da população planetária em um contagiante cuidado desse ser que chamamos Terra, ou melhor, que chamamos de casa, e que também podemos chamar de nossa pátria, nosso lar, lugar que tem vida assim como nós, e que por isso, necessita ser cuidado.

A consciência ecológica não é apenas a tomada de consciência da degradação da natureza. É a tomada de consciência, na esteira da ciência ecológica, do próprio caráter da nossa relação com a natureza viva; aparece na ideia de duas faces que a sociedade é vitalmente dependente da eco-organização natural e que esta está profundamente comprometida, trabalhada e degradada nos e pelos processos sociais (Morin, 2011, p. 110).

Contudo, enquanto a reorganização da desordem torna-se uma necessidade imprescindível dos seres humanos, para muitos, mudar significa encontrar outro



planeta para poder se apropriar dele e explorá-lo de forma a degenerá-lo, tal como fazem com o planeta Terra. Todavia, não sabem eles que:

Tudo caminha para a dispersão e a desintegração, tudo, e sobretudo as máquinas vivas de constituintes tão instáveis, sobretudo as organizações vivas que comportam tantas desordens e acasos, sobretudo os seres vivos tão frágeis e tão efêmeros, sobretudo as individualidades/subjetividades vivas tão singulares, tão improváveis.... Porém tudo isso se mantém, se conserva, se fortalece, se perpetua por recomeços e renovações (Morin, 2011, p. 376).

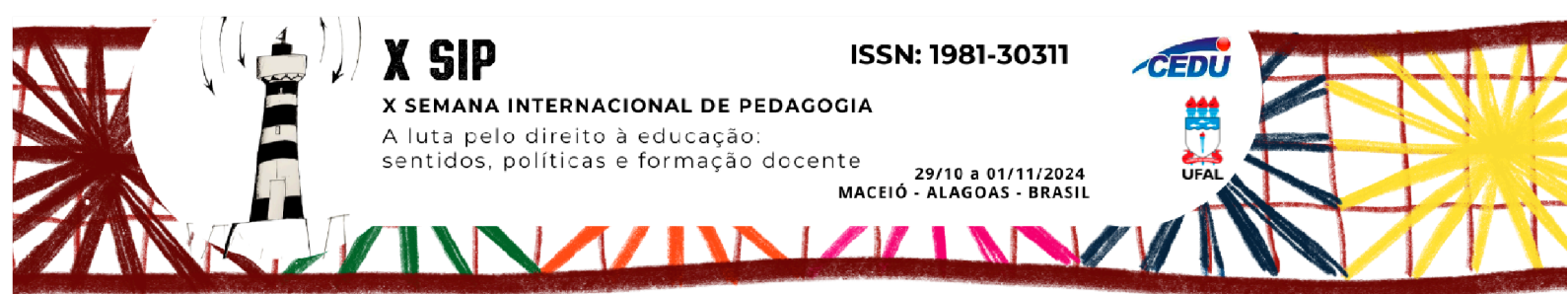
Neste sentido, para poder cuidar do nosso lar, preservar e prosperar em harmonia com ele é preciso que o ser humano, primeiramente, renove-se, reeduque-se e desenvolva uma conscientização de si para o outro. É preciso então, uma educação para uma auto-eco-organização, que estabeleça fins que o conduza a auto preservar-se com o meio ambiente e com a natureza.

Numa sociedade de mercado, onde o critério maior para a sobrevivência é a razão do lucro, e como tal, obter ganho rápido e rentável não é sinônimo de preservação e sustentabilidade, as leis que autorizam a extração das reservas naturais do planeta são rapidamente elaboradas e eficientemente utilizadas e aplicadas.

O filósofo alemão Jürgen Habermas percebe que a razão instrumental se torna o grande adversário da vida, pois ela busca a todo custo padronizar e corromper as estruturas do mundo partilhado dialogicamente. O mundo estratégico é consequência da instrumentalização racional que foi edificada na modernidade. A sinalização de uma ação comunicativa será apresentada como possibilidade para ir de encontro às estruturas estratégicas da razão, na qual oportuniza o “entender-se com o outro” como fio condutor da recomposição do mundo da vida.

Destarte, a responsabilidade educacional com a vida é uma necessidade pedagógica, principalmente, no que se refere a um ensino reflexivo e ao cuidado de si mesmo, do outro e da natureza que o cerca.

De acordo com o parágrafo 1º, do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a educação escolar deve abranger os processos formativos que se expressam “na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e



organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. E importante visarmos no processo educacional uma escola que se orienta em garantir “à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica” (BNCC, p. 07).

Enquanto a LDB sinaliza para uma educação escolar atenta à vida do educando, a BNCC reforça ainda que ela se estende a uma dimensão política. Entretanto, diante desse direcionamento para a uma formação integral, somos provocados pela dissociação entre a teoria da lei e a prática dela. Essa dissociação nos inquieta quando percebemos que no chão da escola pública, principalmente da periferia, a supervalorização de aspectos cognitivistas tenta a todo custo colonizar o mundo da vida dos estudantes, retirando-lhes o foco de si, de suas condições de exclusão, injustiça e pobreza.

A escola necessita ir de encontro à lógica de um desenvolvimento social e educacional proveniente do projeto da modernidade, na qual o positivismo promoveu “uma separação intransponível entre teoria e prática e reduz o conhecimento racional a um emaranhado de orientações e procedimentos técnicos” (MÜHL, 2003, p. 266).

A supervalorização de apenas aspecto cognitivo em detrimento de outros aspectos – também importantes da formação humana – torna-se um desafio a ser combatido em nosso contexto de formação da vida. Quando a ação educativa desconsidera aspectos socioemocionais no processo de ensino aprendizagem, ela torna-se exclusivamente uma ação estratégica sustentada por finalidades técnicas e científica.

Neste contexto, é importante destacar o diálogo como princípio de uma intervenção neste mundo visivelmente desestruturado. Porém, precisamos nos entender para compreender as necessidades deste mundo.

Enquanto o lucro e a exploração dos recursos naturais continuarem sendo encarados como um problema da economia, prolongaremos o sofrimento e as consequências desastrosas que a natureza nos provoca em diversas tragédias ambientais. Nossa principal intenção deve ser contribuir para tomada de consciência sobre as consequências diante da deformação do próprio mundo da vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tamanha complexidade que é existir e coexistir sem exploração degradante, entendemos que a saída é educar para o amor, educação esta que possibilite o amor de ser amado direcionado a nós mesmo, todavia, sem que sejamos egocêntricos. Amar a nós mesmo passa pelo viés do cuidado com a vida do outro. O “Eu” com o “Tu” num entrelaçar para o bem de todos e do mundo. Amar a vida é amar principalmente o planeta, que oportuniza a vida do ser. Amar a vida é uma atitude conservadora de uma auto-eco-convivência. Portanto, voltar-se ao humano e sua educação para a vida é um caminho que precisamos seguir, assim, neste percurso, precisamos nos reconectar com a nossa consciência de si para cuidar do outro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: ensino médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf>> Acesso em: 13/09/2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**, 1996. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>> Acesso em:13/09/2024

HABERMAS, Jurgen. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos** - 2. Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. (Biblioteca Tempo Universitário; nº 90. Série Estudos Filosóficos).

LIMA, J. A. O. **O ensino de Filosofia por uma perspectiva dialógica: a competência discursiva como caminho para intersubjetividade no âmbito escolar / Orientador: Prof. Dr. Anderson de Alencar Menezes**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Mestrado Profissional em Filosofia, Recife, 2019.

MORIN, Edgar. **O método II: a vida da vida**. Tradução de Marina Lobo. – Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**: Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **Terra-Pátria**. Traduzido do francês por Paulo Azevedo Neves da Silva. - Porto Alegre: Sulina, 2003.